

Marcelo Santana Ferreira

Polyana Esteves

Marilisa Travassos

Williana Louzada

Hamany Cursino de Souza

Universidade Federal Fluminense, Curso de Psicologia, Projeto “ A cidade como um texto”

Comunicação Oral

A cidade como um texto: pluralismo da experiência homossexual masculina no Rio de Janeiro contemporâneo

O presente trabalho é produto de investigação de grupo de pesquisa desenvolvida no curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense a respeito do caráter coletivo e histórico da experiência homossexual masculina no Rio de Janeiro. A partir de subsídios teóricos fornecidos pela obra de Walter Benjamin a respeito da modernidade europeia e da problematização histórica do dispositivo de sexualidade na obra de Michel Foucault, a pesquisa se desenrola como uma interpretação não psicologizante da experiência homossexual masculina. O principal intuito do trabalho é compartilhar as reflexões que vêm emergindo a partir de deambulações – por intermédio do método etnográfico – dos pesquisadores por lugares de sociabilidade entre homens homossexuais na cidade do Rio de Janeiro contemporâneo. A partir das deambulações, produziram-se imagens sobre a experiência, considerando-se “imagem” a condição protagonista do que se viu e compartilhou nos lugares de investigação. Exatamente na obra de Walter Benjamin encontra-se uma problematização do caráter imagético da modernidade e mesmo do esforço intelectual de restituir aos objetos históricos sua posição de índices ou mesmo de rastros que apontam para a totalidade dos processos históricos que se desenrolam na elaboração da fisionomia de uma época. Inspirando-se em Benjamin, os pesquisadores têm lido parte dos embates cotidianos, do sentido coletivo e transitório dos afetos e das linguagens compartilhadas pelos grupos com quem se dialoga no campo investigativo. A partir das deambulações e dos enfrentamentos cotidianos, os pesquisadores depararam-se com o próprio protagonismo da cidade e buscaram, então, articular uma compreensão a respeito da legibilidade da cidade. Considera-se a cidade como um texto: procuram-se as fendas, as brechas, as marcas, as palavras inauditas pelo conhecimento hegemônico a fim de defender a polissemia de uma experiência que vem sendo desqualificada historicamente e medicalizada, mesmo pelos discursos mais tolerantes. Nas imagens produzidas a partir das etnografias, uma outra cidade emerge. Não a cidade partida ou a cidade-símbolo das atuais estatísticas de violência urbana, mas uma cidade invisível durante o dia, uma cidade que estrutura os afetos, que é costurada pela deambulação tácita que desenha uma cartografia dos espaços sociais. Enquanto a maioria das pessoas dorme, algumas calçadas abrigam esbarrões e corpos tingidos pela tonalidade da noite e da imprevisibilidade. No interior de boates, bares e em trechos de praias, o corpo medicalizado durante o desenvolvimento das racionalidades articuladas em torno da epidemia da AIDS se contrapõe ao corpo que imerge em experiências de potencialização do prazer e, mesmo, de diálogo com o risco. Ler uma cidade como essa tem garantido uma problematização do tema da subjetividade e um descentramento histórico dos modos de constituição de si mesmo no bojo de uma experiência minoritária. No presente trabalho, as imagens indicarão uma parte do sentido histórico da experiência, seu inacabamento e sua abertura ao diálogo com os espaços sociais. Deseja-se apresentar uma cidade polifônica e polissêmica, que contém, em certa medida, uma parte da memória das lutas e do desejo minoritário. Uma cidade que incita, abriga, esconde, permite, silencia. Tal como as marcas propostas por Benjamin em uma de suas investigações sobre Berlim em 1900, os textos a serem compartilhados tingiram a cidade e foram tingidas por ela: é necessário mostrar com que cores mapearam-se os bares, as ruas fétidas e precárias, as boates amadas e perigosas, as cartografias singelas e invisíveis. Com isso, espera-se contribuir para uma compreensão mais efetiva das minorias sexuais em seu diálogo com a materialidade da atualidade e ampliar a discussão sobre o estatuto político das atuais discussões em torno do direito e da articulação de lutas sociais em que estejam envolvidos homens homossexuais. Além disso, procurar-se-á defender a noção de experiência por oposição à univocidade do conceito de identidade, o que garantirá a defesa de um conhecimento sensível da cidade em que se lê a presença miúda do desejo, da contra-palavra aos discursos dominantes e da materialidade de alguns embates cotidianos.

CIDADE COMO UM TEXTO : PLURALISMO DA EXPERIÊNCIA HOMOSSEXUAL MASCULINA NO RIO DE JANEIRO CONTEMPORÂNEO

A cidade do Rio de Janeiro apresenta, atualmente, importantes hierarquias no que diz respeito à experiência das minorias. Tais hierarquias são visíveis no modo como os espaços sociais são apropriados e ocupados em diferentes situações, como aquela que se desenrola no lazer. A experiência homossexual masculina encontra na cidade do Rio de Janeiro importantes abrigos, fendas, espaços precários por onde emergem processos de subjetivação historicamente compreensíveis. A fim de compreender a cidade do Rio de Janeiro de modo não transcendente aos modos de ocupação coletivos que se inventam no bojo da experiência homossexual masculina, instituiu-se pesquisa que considera a cidade como um *texto* e a homossexualidade como uma *experiência*. O propósito do presente texto é discutir o sentido destas definições e suas implicações políticas e metodológicas, no caso das investigações em ciências humanas.

Inicialmente, torna-se necessário justificar a compreensão da homossexualidade masculina como uma experiência. Aqui, é o próprio conceito de experiência que requer uma discussão, de modo a se poder migrar com mais segurança para reflexões de natureza metodológica. Na obra do pensador alemão Walter Benjamin, destaca-se uma profunda preocupação com o conceito de experiência, tema central no pensamento moderno, como se depreende da posição que o mesmo assume no sistema filosófico kantiano, em que houve uma restrição da experiência ao grau zero de significação, de modo a justificar uma relação estrita com os objetos da física newtoniana. Benjamin procura, através da composição da sua obra, radicalizar o conceito de experiência, dialogando com temas da mística judaica e submetendo a perspectiva teórica do sujeito do conhecimento à espessura da temporalidade histórica. Ora, é o próprio sentido e espectro da experiência que se amplia, já que se trata de recuperar a relação entre o *devoir* histórico e os modos de argumentação filosófica. O autor alemão escreveu dois importantes textos, em sua juventude e em sua maturidade, que revelam a centralidade do tema em sua obra.

No texto *Experiência*, Benjamin(2005) problematiza a perspectiva aditiva e continuísta que nutre a máscara do adulto em sua relação com os mais jovens. Os adultos já experimentaram tudo, abdicando do espírito, que lhe fizera um apelo anteriormente. Relacionam-se com os mais jovens tentando subtraí-los da intensidade do atual, tornando-se filisteus, como o são os pedagogos modernos, extremamente sentimentalistas em relação a infância, mas profundamente empenhados em acelerar o processo de amadurecimento dos aprendizes. Este texto foi escrito originalmente em 1913 e em texto posterior, o autor recupera o sentido de experiência como “entrecruzamento” de tempos geracionais, recorrendo a uma parábola em texto intitulado *Experiência e pobreza*. Tal parábola é a do pai que comunica aos filhos, em seu leito de morte, que havia um tesouro enterrado em seu vinhedo. Após a morte do pai, os filhos cavam o terreno do vinhedo e nada encontram. Tempos depois, na época da colheita, são agraciados com as melhores uvas da região, compreendendo o sentido da experiência na imediaticidade da relação da palavra falada com a continuidade de suas existências: o tesouro está no trabalho.

Vinte anos de itinerário garantiram a Benjamin uma extensão “intensiva” do conceito de experiência, ou seja, a possibilidade de recuperar a importância histórica da experiência, compreendendo não a sua degradação, mas a sua beleza, o rastro do que se extinguiu. Com isso, os tempos históricos não são simplesmente comparados ou julgados, mas remetidos a uma leitura atenta, de modo que se possa submeter a modernidade a uma reflexão comprometida com a elaboração de uma concepção de história não aditiva, mas construtiva. É exatamente neste processo que o autor se referirá à modernidade como uma espécie de textualidade, já que a partir da sua própria experiência no tempo presente (primeiras décadas do século XX) é que ele procurará identificar o relampejo do passado no momento em que escreve história para si mesmo. Citando autores de diferentes tradições e escolas, Benjamin encontra em Baudelaire um importante subsídio para a interpretação da modernidade. Em Charles Baudelaire, Benjamin identifica a elaboração de uma atitude estética que se alimenta da precariedade do tempo presente, já que na modernidade os artistas perdem a sua aura, mas as coisas perecíveis, o lixo, o esgoto e a transitoriedade da cidade abrigam o relampejo do que é “eterno”. A morte, a noite, a transitoriedade dos encontros garantirá uma leitura renovada da modernidade e Benjamin incorporará tal intuição ao seu trabalho de historiador. Trata-se, em suas considerações metodológicas, de ler a modernidade a partir daquilo que transita, a partir daquilo que foi esquecido pelas concepções dominantes de história e, também, a partir daquilo que abriga a possibilidade de construção de uma perspectiva viril sobre o presente. Exatamente nesta discussão encontram-se subsídios para a investigação da textualidade da modernidade.

Ao estudar a modernidade sustentado pela leitura que realizou de Charles Baudelaire, Walter Benjamin permite um tratamento heurístico da fisionomia daquilo que se passa historicamente. Mas o autor resgata o “menor”, o detrito, o lixo da história. No texto que encerra precocemente a sua obra, Benjamin (1993) indica a maior parte das discussões conceituais que foram operatórias para a elaboração de uma concepção crítica de história. Neste texto, Benjamin constrói imagens que abrigam o exercício do pensamento. Teses sobre o conceito de história: recuperação da leitura que o autor fez da obra de Nietzsche, da leitura do tempo na mística judaica e da preocupação de salvar os apelos dos vencidos, numa referência explícita as continuidades perdidas entre o presente e o passado, numa tentativa de re-elaborar o problema do tempo histórico.

Nas *Teses sobre o conceito de história*, Benjamin (1993) indica imagens dialéticas, que guardam em si o choque do encontro provisório entre o passado e o presente, destituindo o futuro de sua posição precária no tempo-sucessão e submetendo-o as expectativas não atendidas do passado. A história é *escovada a contrapelo* e, com isso, o pensador alemão restitui à narrativa – na imagem do historiador-cronista – uma posição estratégica na elaboração do tempo histórico. O saber da narrativa é um saber artesanal, instituído pela complementariedade entre a experiência do narrador e a reverberação da mesma na experiência do ouvinte. Exatamente aqui, por fim, encontra-se uma possibilidade de diálogo com o tema da cidade como texto. Ao problematizar

metodologicamente a história e incorporar o legado da leitura da obra de Charles Baudelaire e mesmo de Marcel Proust – que havia traduzido para o alemão – às suas próprias reflexões, Walter Benjamin desejou defender uma leitura material da modernidade, “mostrando” as coisas que a identificavam, garantindo a enunciação dessas coisas. A leitura material da modernidade só se torna possível por intermédio da citação sensível do que passa: lembranças do século XIX da infância de Benjamin se tornam indícios históricos do próprio século XIX e o fetichismo da mercadoria nas primeiras décadas do século XX indicam para o autor e seus potenciais leitores a permeabilidade entre a vida privada e a vida pública em países como França e Alemanha. A cidade, a capital é protagonista de algumas argumentações. No bojo das palavras dos reclames, o autor alemão institui um desvio em relação à linguagem mediatizada, ironicamente chamada de concepção burguesa de linguagem. O autor retira a palavra dos reclames e das placas e as abriga na “feminilidade” do livro, no silêncio das páginas de um livro, oposto ao burburinho das ruas. Ali, no texto, as palavras não comunicam mais nada a não ser a si mesmas, incorporando-se ao caráter imagético do seu trabalho sobre a história: fazer ver o presente, arrancá-lo de sua precária condição de transição do passado ao futuro. Na seguinte passagem, observa-se uma parte dessa operação teórica em Benjamin (1993b):

“Estas Plantas São Recomendadas À Proteção Do Público

O que é “solucionado”? Todas as questões da vida vivida não ficam para trás, como uma ramagem que nos impedisse a visão? Em desbastá-la, em iluminá-la sequer, dificilmente pensamos. Seguimos adiante, a deixamos atrás de nós, e da distância ela é sem dúvida abarcável, mas indistinta, sombria e, nessa medida, mais enigmaticamente enredada.” (pps.17-18)

No enxerto anterior, percebe-se a incorporação da palavra comunicativa ao trabalho filosófico. Ou seja, a restauração do caráter mágico e imagético da linguagem, opondo-se, em ato, à mercantilização da linguagem e à definição de sua exterioridade em relação às próprias coisas. Desse modo, Benjamin se aproxima do tema da cidade, da capital; não se torna um estudioso-especialista de capitais importantes da modernidade, mas debruça-se sobre algumas capitais e garante o reconhecimento das mesmas como textualidades possíveis sobre o presente: elas fazem ler o presente, tornam o presente legível ao mesmo tempo em que se tornam legíveis a partir do crivo do distanciamento. A distância em relação ao presente se revela, paradoxalmente, na historicização do que constitui a própria perspectiva teórica do pensador. A distância se garante, também, pela transitoriedade da atualidade. Mas no texto o que “passa” ainda se fixa, de forma a sustentar um olhar renovado sobre o presente.

Olhar o presente a partir da perspectiva infantil foi uma tentativa do mesmo autor. A criança se imiscui às coisas, confundindo os tempos, questionando as hierarquias e se posicionando num lugar que os adultos adaptados não conseguem mais sequer enxergar. A perspectiva dos vencidos se volta à temporalidade da festa, do vinho e da praça pública. Se volta ao inacabamento do tempo histórico e a abertura do passado. A textualidade da cidade, na pesquisa a ser problematizada no presente texto, é uma definição construída a partir,

fundamentalmente, do trabalho seminal de Walter Benjamin em relação a modernidade européia. Além disso, a reflexão sobre o conceito de experiência garante uma defesa do trabalho do pesquisador como interpretação delicada da atualidade, percebida como época e também como oportunidade de diferir-se do que se encontra estabelecido.

O *texto* e a *experiência* grifados no início do presente texto se remetem à centralidade dos temas. A investigação proposta se volta a experiência homossexual masculina na cidade do Rio de Janeiro contemporâneo. Considerar a homossexualidade masculina como experiência implica em defini-la na contingência dos tempos históricos e não na necessidade argumentada pelo discurso médico-científico do século XIX. O conceito de experiência, para a presente pesquisa, significa a desindividualização dos afetos homossexuais e sua politização conseqüente: não se trata de interpretar ou ler o homossexual masculino, compreendê-lo a partir de sua biografia ou da sua personalidade. É possível compreender o estatuto político dos atuais embates enfrentados por homens que se relacionam sexualmente com outros homens recorrendo à leitura dos seus rastros na cidade do Rio de Janeiro contemporâneo.

Além disso, através das investigações, percebe-se que a cidade “se descreve” e é descrita. Seja na elaboração de mapas eróticos da cidade ou mesmo na presença dispersa em lugares precários da cidade, a experiência homossexual masculina é histórica e coletiva, por oposição a uma leitura individualizada e biográfica. Ou melhor, as biografias e as individualidades reverberam o sentido político de um embate e de um modo de definição de si mesmo. As individualidades não são o *outro* do poder ou da história, mas não são cristais indiscerníveis, existências selvagens e imponderáveis. Para tanto, a deambulação na cidade nutrida pelo método etnográfico garante uma visada crítica da experiência e garante a condição de leitor-ator daquilo que se vê.

Em *As Cidades Invisíveis*, Italo Calvino(1998) problematiza a memória de cidades a partir das viagens de Marco Polo, recontadas a um soberano ávido por imagens das aventuras do viajante. Ao se referir à Zaíra, uma das cidades conhecidas, Marco Polo afirma:

“ (...) a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras.”(pps.14-15)

No enxerto anterior, depara-se com uma importante intuição e, mesmo, com um método. O passado não é simplesmente narrado através de palavras ou mesmo por imagens fornecidas pela cidade a respeito de si mesma. O passado é contido, tal como o tempo se abriga no corpo de um homem. A experiência vivida pode ser lida nas marcas de uma cidade, implicando a presença material do passado no presente,. A experiência homossexual masculina está marcada pela cidade. De acordo com Didier Eribon(2008) a fuga para a cidade é uma marca do processo de constituição de si da maioria dos homens homossexuais que tiveram que lidar com a injúria de serem nomeados como deserdados, diferentes ou mesmo doentes.

Percebe-se, a partir da reflexão do autor, o quanto a “fuga para cidade” e a construção de nichos de sociabilidade ou mesmo de reclusão acabam contribuindo para a elaboração de subjetividades marcadas pelo peso da injúria. Esta cidade a que se foge oferece um mapeamento esparso do desejo, implicando a necessidade de se resguardar da violência dos dominantes em lugares precários e transitórios, de acordo com o que se vem pesquisando. No Rio de Janeiro contemporâneo, lugares como o Aterro do Flamengo abrigam práticas de potencialização do prazer entre homens gays, reforçando a relação entre o presente e a história das injúrias lançadas aos homens que se relacionam com homens. Trata-se de um lugar de passagem, estrategicamente posicionado entre as zonas sul e central da cidade do Rio de Janeiro, tornado invisível pelas árvores, mas reconhecível por passantes.

Além disso, muitos lugares identificados na pesquisa são intercambiáveis. No município de Niterói, uma antiga boate gay deu lugar a uma concessionária de automóveis, depois de abrigar temporariamente uma loja de sucos. Mas ali se guardam lembranças de um mapeamento erótico da cidade, já que eram comuns deambulações entre bares e boates da localidade durante as noites dos finais de semana. Esta memória da cidade expande o entendimento da história das práticas sexuais minoritárias. No bojo das investigações que vêm sendo realizadas, percebe-se que os lugares de sociabilidade não são discerníveis para “qualquer um”, é preciso estar formado na pedagogia tácita da cidade, conversar com as pessoas, ler as entrelinhas dos “flyers” que são distribuídos durante a noite e, mesmo, dialogar com os taxistas que levam os freqüentadores de uma parte da cidade para outra. Num rápido diálogo com um taxista, descobre-se que as noites dos finais de semana são dedicadas a públicos diferenciados. Boate de “afeminados” e boate de “homens maduros” são propostas como lugares potenciais de encontro, embora não haja definições a priori dos territórios.

A memória da cidade em Calvino(1998) não se concentra nas pessoas, mas nos lugares. Tal perspectiva é exaustivamente investigada no trabalho de Walter Benjamin ao interrogar as coisas sobre o sentido político da atualidade. Uma galeria, por exemplo? O que pode falar de si mesma e dos transeuntes? Talvez o fato de que ao se deparar com a mercadoria, os próprios indivíduos “esbarrem” com o seu reflexo no vidro que protege os objetos. Na imagem que se constrói sobre a modernidade, aspectos materiais e imateriais da atualidade se tensionam no texto do estudioso, indicando que não é a cidade que é representada por quem a estuda e nem muito menos é a cidade que se enuncia sem o trabalho reflexivo, mas estudioso e cidade se descentram, garantindo a emergência de uma experiência no tempo histórico. Além disso, através de deambulações na cidade, percebe-se a memória dos embates, o protagonismo do desejo e dos próprios espaços sociais. Tal operação questiona a posição central do homem “homossexual” ao enunciar sobre si mesmo. As coisas são retiradas do seu mutismo e revelam uma parte do sentido histórico e político de uma experiência.

Além disso, em determinados lugares e em determinados momentos da noite, é possível identificar práticas sexuais coletivas em espaços aparentemente objetivados como boates “da

moda”, para públicos com maior poder aquisitivo ou para “artistas”. Tais práticas desarrumam a objetividade dos lugares, funcionalizados como espaços de passagem e de ausência de contatos pessoais. Em uma boate da zona sul do Rio de Janeiro, por exemplo, há pouquíssimos lugares para se sentar e a penumbra empurra as pessoas para a pista de dança. No entanto, um show de caricatos perturba a funcionalidade, já que se faz piada com as hierarquias entre atividade e passividade – show em que se brinca com a história do Lobo Mau e da Chapeuzinho Vermelho, que se encontram num baile funk e que se interessam um pelo outro, mas que se desencontram com a posição efeminada do Lobo Mau ao ouvir um funk e rebolar – além de, através do mesmo, “esquentar” o ambiente para a hora do sexo no quarto escuro, que se encontra atrás do palco. Mesmo dentro de espaços sociais – precários ou não – há outros espaços instituídos pelo desejo, pelo teor alcoólico e pela música que se canta coletivamente, mesmo não sabendo muito bem a letra.

Esta cidade polifônica emerge em determinados momentos da noite, numa geografia que se acompanha através de etnografias, pensadas como um método de investigação que implica diretamente o pesquisador com o objeto pesquisado, retirando-o da posição supostamente confortável do laboratório e relançando-o às lutas que se travam no cotidiano de uma experiência minoritária. A etnografia, considerada por Janice Caiafa (2007) como um método que se remete à viagem atravessou uma longa e importante trajetória no campo da Antropologia, alcançando uma posição importante para as ciências humanas e sociais, como a Psicologia. A etnografia se sustenta nas enunciações constituídas no encontro entre o pesquisador e os outros com quem dialoga na situação de investigação. E, além disso, se encaminha à produção de textos em que o grande desafio é garantir um espaço legítimo de enunciação aos coletivos que foram reconhecidos na pesquisa.

A polifonia da cidade necessita de um mapeamento mais efetivo, proposto pelos próprios sujeitos investigados. A memória das lutas, neste sentido, ganha uma materialidade revelada pela impermanência de alguns lugares de encontro e pela imprevisibilidade de alguns processos que ocorrem durante a noite. Além disso, pode-se ler a cidade e um dos principais intuitos é defender uma legibilidade da cidade.

O propósito do trabalho – sob a forma de comunicação oral – é apresentar as bases teórico-metodológicas da investigação e as imagens produzidas a partir de um ano e seis meses de estudos e etnografias sobre a experiência homossexual masculina na cidade do Rio de Janeiro contemporâneo. Buscar-se-á defender o protagonismo da cidade e de embates cotidianos na elaboração de subjetividades que dialogam com o tempo histórico, a fim de se problematizar o caráter político das minorias sexuais, especificamente a experiência citada anteriormente.

Referências bibliográficas:

BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, Arte e política. SP: Brasiliense, 1993.

BENJAMIN, Walter. Rua de Mão Única. SP: Brasiliense, 1993b.

BENJAMIN, Walter. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. SP: Ed.34,2002.

CAIAFA, Janice. Aventura das cidades. RJ:FGV, 2006.

CALVINO, Ítalo. As cidades invisíveis.SP: Companhias das Letras, 1998.